

O HOMEM QUE ACELEROU O CONGRESSO

Alexandre Botão
Da equipe do **Correio**

Brincam médicos e jornalistas que há apenas uma diferença entre as duas profissões: o médico acha que é Deus, o jornalista tem certeza. O presidente do Congresso Nacional, senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), é os dois: formou-se em medicina na Universidade Federal da Bahia, em 1952, e foi repórter e redator nas editorias de Esportes e Política no jornal *Estado da Bahia*, sete anos antes.

Antônio Carlos Magalhães, é claro, não é Deus. Mas nas cinco semanas de convocação extraordinária do Congresso Nacional, encerrada na última sexta-feira, o senador baiano foi onipresente. Comandou líderes e parlamentares com onipotência e só não operou milagres porque eles não foram necessários.

Era um jogo. E ACM (como o povo ou um marqueteiro eficiente o batizaram) era o dono da bola. Da bola, do campo, da torcida. Ele combinava antes o que seria jogado e, refestelado em sua cadeira presidindo as sessões do Senado Federal, conduzia tudo o que havia sido acordado. Por "tudo" entende-se a aprovação de 48 matérias em 39 dias, entre elas a Lei Pelé, o contrato temporário de trabalho e a Reforma da Previdência em primeiro turno. É bastante coisa. Muitas vezes o Congresso passa um semestre inteiro sem aprovar esse número de matérias.

Perguntado se ele, ACM, havia sido o xerife da convocação extraordinária, o senador recusou o rótulo: "Nada disso. Os senadores colaboraram", desconversou. O que na verdade quer dizer o seguinte: os senadores fizeram o que haviam combinado.

